



A organização argumentativa no aconselhamento do pastor Silas Malafaia sobre o candidato à presidência Fernando Haddad

Mônica Souza Melo
Universidade Federal de Viçosa

<https://orcid.org/0000-0002-6502-9280>

RESUMO

Este artigo visa estudar a organização argumentativa de um aconselhamento do pastor Silas Malafaia publicado nas redes sociais e abordar a articulação entre os domínios de prática discursiva religioso e político nessa publicação. Trata-se de um vídeo publicado pelo pastor Silas Malafaia, no qual ele aconselha os internautas a não votarem no então candidato à presidência da República do Partido dos Trabalhadores (PT), Fernando Haddad. Adotamos, para isso, como eixo teórico a Análise Semiolinguística de Charaudeau. Tal estudo nos permitiu identificar como o discurso de Malafaia concilia componentes dos domínios religioso e político, recorrendo a categorias linguísticas e discursivas, ordenadas em função da finalidade de incitação, e submetidas à organização argumentativa do discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso religioso; Discurso político; Argumentação.

The Argumentative Organization in The Advice of Pastor Silas Malafaia on The Candidate to The Presidency Fernando Haddad

RESUMO

This paper aims to study the argumentative organization of an advisory by Pastor Silas Malafaia published on social networks and to address the articulation between the domains of religious and political discursive practice in this publication. It is a video published by Pastor Silas Malafaia, in which he advises Internet users not to vote for Fernando Haddad, then candidate for the presidency of the Republic of the Workers' Party (PT). For this, we adopted Charaudeau's Semiolinguistic Analysis as a theoretical axis. This study allowed us to identify how Malafaia's discourse reconciles components of the religious and political domains, using linguistic and discursive categories, ordered according to the purpose of incitement, and submitted to the argumentative organization of the discourse.

KEYWORDS: Religious discourse; Political speech; Argumentation.



1. Introdução

Nesse artigo pretendemos analisar a organização argumentativa na fala do pastor Silas Malafaia, por meio da qual ele se manifesta nas redes sociais, incitando os internautas a não votarem no então candidato à presidência da República do Partido dos Trabalhadores (PT), Fernando Haddad. Tal publicação se insere no contexto de intensa polarização política do Brasil. Essa polarização entre esquerda e direita, que é histórica, ganhou novos formatos a partir das eleições consecutivas do Partido dos Trabalhadores e se acentuou com a crise que culminou com o impeachment de Dilma Rousseff. Depois de “baixada a poeira” representada por intensos debates, manifestações contrárias e favoráveis à saída de Dilma e questionamentos quanto à legitimidade da posse de Michel Temer, vice de Dilma, a proximidade das eleições presidenciais reacendeu na esquerda a esperança de reaver a governabilidade perdida. Durante o processo eleitoral vários candidatos lançaram seus nomes para concorrer à presidência do país. Nesse cenário, dois fatos se destacaram: de um lado, a tentativa do PT de oficializar a candidatura do ex-presidente Lula, que havia sido preso, condenado por corrupção. De outro lado, a candidatura do deputado federal Jair Bolsonaro, militar reformado do exército, defensor de causas como o armamento, pena de morte, redução da maioria penal e cujo discurso fomentava o sentimento antipetista. Apesar dos vários recursos impetrados pelo PT, o Tribunal Superior Eleitoral não permitiu a candidatura de Lula, tendo assumido essa posição seu candidato a vice, Fernando Haddad, também do PT.

As ideias defendidas pelo deputado Bolsonaro angariaram a simpatia dos setores mais conservadores da sociedade, entre eles, militares e líderes evangélicos, que se aliaram a esse candidato na esperança de não permitir que a esquerda retomasse o poder. Nesse contexto, um dos representantes evangélicos que se apresentou como um dos mais fervorosos defensores da candidatura de Bolsonaro foi o pastor Silas Malafaia. Assíduo usuário das redes sociais, o pastor é conhecido por utilizar esse recurso para a evangelização. Também é conhecido por abordar questões políticas nas suas mensagens e por se posicionar contra a esquerda política (cujos simpatizantes identifica como “esquerdopatas”) e contra o PT (cujos militantes denomina “petralhas”). Após a oficialização das candidaturas, Malafaia intensificou as publicações nas redes sociais, manifestando apoio à candidatura de Bolsonaro e acentuando as críticas ao PT.

A mensagem que analisaremos se insere nesse contexto político e resgata o debate em torno da possibilidade de associação entre o domínio de prática¹ religioso e o político. Nesse sentido, este trabalho vai partir de uma discussão a respeito da relação política-religião, para, em seguida, à luz da fundamentação teórica dos estudos discursivos, analisar a organização argumentativa do aconselhamento “Porque você não deve votar em Haddad”, publicado por Silas Malafaia, nas redes sociais.

¹ A noção de domínio de prática discursiva, tal como tomamos aqui, é proveniente de Charaudeau (2004), para o qual os domínios de prática remetem à experiência comunicativa e “determinam a identidade dos atores que se encontram ali, os papéis que devem representar, o que faz com que as significações dos discursos que circulam ali sejam fortemente dependentes da posição de seus enunciadore”. (CHARAUDEAU, 2004, p. 22)

2. Religião e política

A presença da religião no espaço público sempre existiu. No Brasil, porém, essa interferência tem se mostrado cada vez mais evidente pela inserção crescente de religiosos, principalmente de evangélicos, no espaço de governança, nos níveis municipais, estaduais e federal, o que tem levado alguns setores da sociedade a retomarem as discussões em torno da existência, de fato, no Brasil, do chamado “Estado laico”.

Alguns estudiosos, especialmente do campo da Sociologia, tratam da relação entre religião e política. Bourdieu (1974) trata a religião como um veículo de um poder simbólico, cuja estrutura se organiza em torno de um sistema de práticas e de representações que tendem a justificar a hegemonia das classes dominantes, impondo, em geral, aos dominados uma espécie de resignação diante das condições de existência. Bourdieu (1974) acredita que as práticas religiosas contribuem para a reprodução e permanência da ordem estabelecida e, por isso, exercem interferência sobre as relações de classe. Para ele:

Em uma sociedade dividida em classes, a estrutura dos sistemas de representações e práticas religiosas próprias aos diferentes grupos ou classes, contribui para a perpetuação e para a reprodução da ordem social (no sentido de estrutura das relações estabelecidas entre os grupos e as classes) ao contribuir para consagrá-la, ou seja, sancioná-la e santificá-la. (BOURDIEU, 1974, p. 52)

Também Burity (2008) considera que “as religiões e as diferenças religiosas são um elemento ativo e inseparável das dinâmicas culturais e políticas que estão transformando o sentido do vínculo social e político em nosso tempo, quer quando se expressam de forma regressiva, quer emancipatória” (BURITY, 2008, p. 94). Assim, Burity avança em relação à proposta de Bourdieu, no sentido de que admite que a religião pode agir não só a favor de uma espécie de permanência ou até retrocesso social, mas também de uma mudança. Essa influência se dá por meio da ação de representantes religiosos que atuam sobre os fiéis nos espaços ortodoxos dos templos e, mais recentemente, nos espaços de governança (dos quais a “bancada da Bíblia”² é um exemplo) e nos meios de comunicação.

Podemos, então, dizer que a influência de personalidades ligadas a congregações religiosas tem sido potencializada em função do crescente processo de midiaticização do discurso religioso. Desse processo decorre a criação de um novo ambiente, que é um espaço privilegiado de ressignificação da religião e que permite que a mensagem permaneça em circulação por tempo indeterminado, o que favorece a captação de um público amplo e diversificado.

A religião, através de seus agentes, exerce um poder simbólico, no sentido de proporcionar aos fiéis uma compreensão das relações sociais e servir como uma referência para que eles desenvolvam valores, compreendam seu lugar no mundo e, a partir daí, orientem suas decisões e comportamentos. É comum, portanto, que os indivíduos recorram a orientações provenientes das autoridades religiosas, às quais atribuem legitimidade, para compreender seu lugar no mun-

² A “bancada da Bíblia” é um segmento que compõe a “Frente Parlamentar Evangélica” e que congrega parlamentares evangélicos e católicos, que se articulam em torno da defesa e aprovação de causas que seriam de interesse cristão.

do, balizar valores, comportamentos e tomar decisões. Nesse sentido, as orientações provenientes das igrejas, por meio de seus representantes, podem interferir no comportamento moral, ético e político do fiel e, conseqüentemente, na sua própria identidade. É o que ressalta Lemos (2005), quando afirma:

É exatamente por trabalhar com questões simbólicas que os discursos religiosos interferem na elaboração e difusão dos símbolos culturalmente disponíveis, dos conceitos normativos, das noções de fixidade e de identidade. Ao interferir na elaboração e difusão destes elementos em conexão com outros campos da cultura, os discursos religiosos penetram no âmago das concepções de vida das pessoas. (LEMOS, 2005, p. 127)

Por meio de entidades representativas, tais como a CNBB³, ou de manifestações individuais, as igrejas não se mantêm alheias aos problemas que afetam a sociedade brasileira. Pelo contrário. Cada vez mais inseridas nesse espaço de discussão e no debate político, elas norteiam, em grande parte, o comportamento político dos fiéis.

3. Argumentação numa perspectiva discursiva

Nossa análise vai se pautar nos parâmetros definidos por Charaudeau (2008) para a descrição do modo de organização argumentativo. Procuramos, aqui, adotar o ponto de vista de Amossy (2007), para quem é possível e necessário que a Análise do Discurso incorpore em seus estudos a descrição da dimensão argumentativa, inerente a toda situação de comunicação. Para a autora: “Na medida em que a Análise do Discurso (AD) entende descrever o funcionamento do discurso em situação, ela não pode evitar sua dimensão argumentativa.” (AMOSSY, 2007, p. 121)

Nesse sentido, os trabalhos de Amossy e Charaudeau convergem, uma vez que, para Charaudeau (2005, p. 13), todo ato de linguagem provém de um sujeito e se dirige a outro sujeito (princípio de alteridade), visando influenciá-lo (princípio de influência) e provocar nele algum tipo de reação (princípio de regulação). Ou seja, para os dois pesquisadores, todo discurso comporta uma orientação ou, pelo menos, uma dimensão argumentativa, compreendendo-se, no primeiro caso, a existência de um propósito argumentativo explícito e o uso de estratégias visando à obtenção desse propósito, e no segundo, “a tendência de todo discurso de orientar as maneiras de ver do(s) interlocutor(es).” (AMOSSY, 2007, p. 122) Nessa perspectiva, todo discurso se caracteriza pela intersubjetividade e pela influência sobre o outro e deve ser analisado levando-se em conta as suas condições de produção. Sendo assim, não basta, para analisar a organização argumentativa de um discurso, identificar os procedimentos linguísticos adotados, mas é necessário também relacionar esses procedimentos à situação de comunicação, que diz respeito a elementos como a identidade do locutor, sua finalidade e as condições materiais envolvidas.

De acordo com Charaudeau (1992), para que a argumentação ocorra é necessário que haja um sujeito que defende uma proposta (uma tese) e um outro sujeito que constitui o alvo da

³ Confederação Nacional dos Bispos do Brasil.

argumentação e a quem o argumentante espera levar a compartilhar um ponto de vista. Tendo em vista o fato de que todo ato de linguagem resulta de uma série de restrições impostas pela situação de comunicação, pode-se dizer que o ponto de vista que se pretende compartilhar refere-se, não apenas a opiniões pessoais, mas também a representações socioculturais partilhadas por um grupo, que são adquiridas por meio de saberes de conhecimento ou de crença. Além disso, o autor destaca que, para fazer o interlocutor partilhar um universo de discurso e, conseqüentemente, influenciá-lo, o enunciador pode lançar mão de um repertório diversificado de estratégias, tanto aquelas relativas aos procedimentos vinculados à organização argumentativa, quanto aos mecanismos disponíveis nos demais modos de organização do discurso, a saber, o enunciativo, o descritivo e o narrativo.

Do conjunto de categorias do modo argumentativo, selecionamos, para nossa análise, aquelas que se mostraram mais relevantes para o nosso objeto de estudo. Compreendemos que, por se tratar de um aconselhamento, o discurso em questão prioriza a encenação argumentativa, que se compõe tanto de razão, quanto de persuasão. Entre os procedimentos da lógica argumentativa, ligados à razão, vamos destacar, além dos elementos de base, os modos de raciocínio predominantes, a saber: a dedução, a refutação e a associação. Entre os procedimentos da chamada “persuasão” (CHARAUDEAU, 2008, p. 221), abordaremos os procedimentos de composição, discursivos (dentre eles, o questionamento, descrição narrativa, identificação e definição) e semânticos (dentre eles, o do verídico, do ético e do pragmático).

Ainda no escopo da encenação argumentativa, destacamos que a argumentação recorre, também, a outros mecanismos que ultrapassam a dimensão da lógica argumentativa (ou do “logos”). Esses argumentos podem estar relacionados a uma dimensão emocional da argumentação, isto é, a argumentos que visam suscitar algum tipo de reação de ordem emocional no ouvinte (*pathos*) e a argumentos voltados para a construção de uma imagem positiva do próprio sujeito argumentante (*ethos*). Tendo em vista a relevância da construção do *ethos* no discurso que tomamos por objeto, julgamos necessário abordá-lo, mesmo que de forma resumida.

4. Argumentação e construção de *ethos*

A concepção tradicional de *ethos* se associa, em geral, à Retórica de Aristóteles. O *ethos*, nesta perspectiva, seria, ao lado do *pathos* e do *logos*, uma das três provas engendradas pelo discurso. Estas se relacionam aos três elementos dos quais o discurso se constituiria: o orador, o ouvinte e o assunto, respectivamente. Para o filósofo, o caráter pessoal do orador promoveria a persuasão por levar o ouvinte a crer no discurso proferido. Nessa perspectiva, a persuasão é obtida em grande parte por aquilo que ele diz e pela imagem que ele passa de si ao longo da fala.

No âmbito dos estudos discursivos, deve-se levar em conta o fato de que essa imagem construída pelo sujeito está submetida ao conjunto de restrições definidas pela situação de comunicação e colaboram para que o sujeito que argumenta reforce ou reconstrua sua imagem como alguém digno de crédito, o que favorece a realização do seu projeto de fala.

Nos estudos discursivos, a categoria do *ethos* tem sido tratada por vários pesquisadores, tais como, Amossy, Maingueneau e Charaudeau.

Para Maingueneau (2005), podem-se identificar alguns princípios relacionados ao *ethos*, dentre os quais, o fato de o *ethos* ser: uma “noção discursiva”, construída através do discurso e não exterior a ele; um “processo interativo” de influência sobre o outro; uma “noção sociodiscursiva”, ou seja, um comportamento que deve ser avaliado e apreendido numa situação de comunicação específica integrada numa conjuntura sócio-histórica.

Outro aspecto destacado por Maingueneau é o fato de que as escolhas do enunciador não são motivadas apenas pelo desejo de persuasão, mas também obedecem a uma série de restrições que são ditadas pelos tipos e gêneros do discurso e que, por sua vez, relacionam-se ao momento da enunciação:

O enunciador não é um ponto de origem estável que se “expressaria” dessa ou daquela maneira, mas é levado em conta em um quadro profundamente interativo, em uma instituição discursiva inscrita em uma certa configuração cultural e que implica papéis, lugares e momentos de enunciação legítimos, um suporte material e um modo de circulação para o enunciado. (Maingueneau, 2005, p. 75)

Também para Amossy (2005) a enunciação a partir da qual se constrói o *ethos* coloca as figuras do locutor e do alocutário em relação de dependência mútua. Em consonância com essa posição, Charaudeau afirma que “o *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 115) Neste ponto, tanto Amossy quanto Charaudeau retomam a “construção especular da imagem dos interlocutores” proposta por Pêcheux (2009), para quem tanto o emissor quanto o receptor constroem, reciprocamente, uma imagem de si mesmo e do seu interlocutor.

Para Charaudeau (2006), a questão da identidade do sujeito depende das representações que circulam num grupo e que se configuram como imaginários sociodiscursivos. Para esse autor, todo ato de linguagem pressupõe a criação de uma imagem de si. Segundo Charaudeau, todo ato de linguagem comporta a construção de uma imagem de si. E essa imagem é um fator extremamente importante para a captação do ouvinte.

5. Análise da mensagem do Pastor Malafaia

O vídeo “Pastor Malafaia comenta por que você não deve votar em Haddad”⁴ foi publicado nas redes sociais de Malafaia (Twitter e canal do YouTube) em 17 de setembro de 2018, tendo obtido, até a presente data, no YouTube, 236.400 visualizações. No Twitter, obteve 1516 “curtidas” e centenas de compartilhamentos.

Trata-se de um aconselhamento, não de ordem religiosa, como era de se esperar - tendo em vista que o locutor é um pastor - mas de motivação política. Nele, o domínio religioso é associado à posição de legitimidade do pastor, enquanto líder evangélico, porém, na sua fala, esse estatuto encontra-se circunscrito explicitamente às saudações iniciais: “Povo abençoado do Brasil” e

⁴ Vídeo Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lZiyH37KMqU>. Acesso em 17 dez. 2019.

finais: “Deus abençoe o Brasil. Deus abençoe você, Deus abençoe sua família”, sendo essa última antecedida por uma exortação: “Deus tenha misericórdia do Brasil e abra teus olhos.”

Quando se insere o estudo da argumentação na perspectiva do discurso, acredita-se que é necessário que se analise a situação de comunicação em que ela se insere, abordando não só os componentes internos à lógica argumentativa, mas também a chamada “encenação argumentativa”, nos termos de Charaudeau (2008). Iniciamos, desta forma, descrevendo o gênero no qual o discurso se materializa.

A mensagem do pastor pode ser descrita adotando-se alguns parâmetros definidos por Charaudeau (2004) para compreensão dos chamados “gêneros situacionais”. Para esse autor, a descrição de um gênero depende da observação de aspectos situacionais e de suas características físicas, identitárias, contratuais, discursivas e formais.

Quanto aos aspectos situacionais, o aconselhamento do pastor conjuga três domínios: midiático, político e religioso que, conjuntamente, instituem uma situação na qual o enunciador-conselheiro sugere ao ouvinte uma ação futura que será benéfica a esse ouvinte. Em relação à mensagem em questão, temos como comunicante Silas Malafaia, e como interlocutores os internautas que assistem a essa mensagem. Na mensagem, o locutor descreve argumentos para o internauta/eleitor não votar no candidato Fernando Haddad. Quanto às características físicas, constatamos que os parceiros não estão fisicamente próximos, já que se trata de uma troca mediada pela *internet*. No que se refere às características identitárias dos parceiros da troca, temos, na instância de produção, o pastor Silas Malafaia, líder da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, de vertente pentecostal, e figura bastante popular no meio evangélico. Também dialoga rotineiramente com os fiéis por meio de várias plataformas digitais, somando milhões de seguidores. Quanto aos interpretantes, provavelmente se trata, em sua maioria, de evangélicos. Um indício de que essa expectativa corresponda à realidade são os comentários publicados pelos internautas (quase sempre de apoio e concordância), que são, em grande parte, de responsabilidade de evangélicos. Porém, esse público interpretante inclui também vozes dissonantes, de pessoas que não são evangélicas e que discordam do que Malafaia prega. Esses dados são, contudo, apenas indícios sobre quem sejam os espectadores, já que não há um monitoramento objetivo de quem, de fato, acessou tal mensagem.

As características contratuais se referem à possibilidade de interação entre os parceiros e à finalidade do discurso. No vídeo analisado, o contrato não permite uma troca dialogal *stricto sensu*. Porém, há uma situação pseudodialógica, por meio da qual Malafaia simula um diálogo com o interlocutor. Quanto à finalidade, podemos identificar a “captação” de simpatizantes, através do uso de estratégias de identificação e de “credibilidade” e a consequente incitação, ou seja, o convite à ação. Nesse caso específico, tenta-se convencer o público eleitor para que não vote em Haddad. Indiretamente, a fala do pastor é também um convite para que o interlocutor vote em Jair Bolsonaro.

Em termos da organização textual, o gênero descrito comporta uma estrutura com uma introdução, seguida de uma exposição de argumentos e incitação a um comportamento, com o uso das modalidades delocutiva e alocutiva, respectivamente, nos termos de Charaudeau (2008).

Quanto às restrições discursivas, o aconselhamento é um gênero predominantemente argumentativo. Em termos da organização enunciativa do discurso, esse tem início com uma interpe-

lação, categoria do modo alocutivo (CHARAUDEAU, 1992), pela qual o sujeito falante destaca o seu interlocutor (“Povo abençoado do Brasil[...]”), esperando que ele reaja a esse chamamento (“[...] analise o que eu vou falar e tire as suas conclusões.”). Trata-se de uma interpelação que introduz a natureza da fala que se segue, pautada em argumentos que permitirão ao interlocutor tirar suas próprias conclusões. E na sequência, há a apresentação da temática do discurso. Ou seja, ao anunciar “Por que você não deve votar em Haddad”, o pastor antecipa que sua fala vai girar em torno de uma sequência de argumentos que deverão fazer o ouvinte concluir que o melhor é não votar no candidato do PT. Ao fazê-lo, o pastor assume uma posição de autoridade frente ao fiel, descrevendo um comportamento a ser seguido, mostrando-se como um benfeitor e, ao mesmo tempo, como alguém que é detentor de uma verdade e que a dissemina com o objetivo de beneficiar o outro. Coloca-se como porta-voz da verdade, suplantando, inclusive, nesse papel, a imprensa, que, segundo ele, “finge que não sabe.” A fala do pastor procura, dessa forma, questionar a credibilidade não só do candidato do PT, mas também da imprensa. Tal postura pode estar relacionada ao fato de que, naquele momento, parte da mídia, enfatizava, em suas matérias, os riscos representados pela eleição do candidato Bolsonaro, cuja candidatura era defendida por Malafaia.

Ao longo de sua fala, o pastor constrói, também, uma identidade discursiva de enunciador submisso a um poder divino, suplicante, que se dirige a Deus, pedindo que Ele tenha compaixão pelo Brasil e clamando para que Ele abra os olhos do povo brasileiro. Evidencia-se, portanto, uma posição ambígua: de humildade, diante de Deus, mas, ao mesmo tempo, de superioridade sobre o crente, em função de uma assimetria que o coloca como alguém que mantém um contato direto com Deus e que age como uma espécie de intercessor junto a Ele.

A descrição da organização argumentativa da mensagem em questão será detalhada em seguida.

Organização argumentativa

A organização argumentativa está relacionada ao sujeito que argumenta e à situação em que ele se encontra diante do interlocutor, ao qual está ligado por um contrato de comunicação. Essa organização comanda a forma como vai se dar a lógica argumentativa e a persuasão. Ou seja, além de emitir propostas sobre o mundo, o sujeito argumentante deve inscrevê-las num quadro que possa gerar um efeito de persuasão. Sendo assim, a construção argumentativa se dá pela exposição de uma proposta e de argumentos a seu favor e pelo desenvolvimento do ato de persuasão, pautado na construção de uma imagem positiva do falante a seu favor e de procedimentos que visam provocar no interlocutor uma reação de ordem afetiva.

Avaliando a configuração do dispositivo argumentativo do aconselhamento em foco, conta-se que ele se constitui numa situação de troca monologal, em que a totalidade do texto é construída sem a intervenção explícita do interlocutor. O locutor parte da asserção “por que você não deve votar em Haddad”. A asserção de chegada é: você não deve votar em Haddad. Ambas estão ligadas, em sua articulação lógica, por vínculos modais no eixo do obrigatório, com o vínculo modal entre A1 e A2 da ordem do indiscutível. Ou seja, diante dos argumentos expostos, o interlocutor é levado a acreditar que não deve votar no candidato do PT.

Vejam os procedimentos da lógica argumentativa e, em seguida, a encenação argumentativa do discurso em questão.

Procedimentos da lógica argumentativa

Dentre os procedimentos da lógica argumentativa, destacam-se, no aconselhamento de Malafaia, a associação, a refutação e a dedução por cálculo, conforme veremos a seguir.

Associação

Um dos principais procedimentos argumentativos usados pelo pastor para convencer o interlocutor de que não deve votar em Haddad é a associação. Para Charaudeau (2008), a associação é um modo de raciocínio que relaciona A1 e A2, pela diferença (relação de contrários) ou pela identidade (relação de idênticos) entre eles.

Malafaia estabelece uma relação de identidade entre Haddad e Lula. Propondo que ambos se assemelham, o pastor dedica-se, a princípio, a uma descrição que, embora tenha um formato delocutivo, esconde uma avaliação subjetiva. Lula é qualificado não como um preso político, mas como um condenado por corrupção. A forma como se descreve o político se assemelha aos termos que se utilizaria para tratar de um líder de organizações criminosas que comandam esquemas ilícitos de dentro da cadeia. Aproximando os dois políticos, o pastor atribui a Haddad a mesma imagem de criminoso que tenta imputar a Lula.

O segundo eixo comparativo é Haddad – Dilma. Com o uso das denominações Haddanta e Dilmanta, e com o uso das identificações “postes de Lula”, o pastor deixa clara a sua convicção de que tais indicações à presidência representam um afronta à inteligência dos brasileiros, uma vez que tanto Haddad quanto Dilma seriam políticos que não agiriam por iniciativa e consciência próprias, mas seriam manipulados por Lula.

Refutação

O pastor recorre, também, à chamada refutação (*refutatio*), procedimento no qual o locutor antecipa possíveis contestações, críticas ou contra argumentos que possam comprometer o sucesso de sua argumentação, refutando e respondendo essas eventuais críticas. Quando, por exemplo, o pastor antecipa que o interlocutor pode não compartilhar a mesma fé que ele, procura desconstruir a ideia de que apenas devem concordar com o que ele diz os cristãos vinculados à igreja por ele liderada.

- (1) Me perdoe, você não precisa ter a minha fé. Mas agora eu vou usar a minha fé. Eu oro a Deus: Deus, abre a mente e os olhos do povo brasileiro.

Também refuta a ideia concebida por muitos de que Lula era um preso político e, ainda, a avaliação positiva que muitos poderiam fazer de Haddad, do PT e dos seus correligionários, levados apenas pelas suas propagandas:



(2) Não adianta fazer propaganda bonita. Essa gente é cínica. Essa gente é inescrupulosa.

Todos os procedimentos adotados visam gerar, no interlocutor, certas induções que os levam a generalizações, a partir de fatos particulares.

Dedução por cálculo

De acordo com Charaudeau (2008), a dedução condicional se baseia numa consequência implicativa, modo de encadeamento que parte de uma hipótese que pode tornar-se uma generalização. Pode se basear num fato existente que servirá de modelo para um comportamento. No discurso de Malafaia, retoma-se o fato de Haddad não ter conseguido se reeleger prefeito de São Paulo para que se conclua que ele não tem condições de se eleger presidente da República.

(3) Minha gente, Haddad não conseguiu se reeleger prefeito de tão ruim que foi. Ele não conseguiu a reeleição. Ele foi eleito prefeito de São Paulo e não conseguiu se reeleger.

Sugere-se que, se Haddad não conseguiu votos para se reeleger prefeito, ele não terá votos para se eleger presidente. Além disso, deduz-se que, se ele foi eleito uma vez e não obteve a reeleição, sua administração não foi aprovada pela população da cidade de São Paulo, o que pode levar a crer, mais uma vez, por silogismo, que, se ele não foi um bom administrador desse estado, também não será do Brasil.

Verifica-se uma constante na fala do pastor: a tentativa de identificar o Partido dos Trabalhadores como uma espécie de inimigo do povo brasileiro, procurando repercutir sobre o interlocutor sentimentos de aversão e de medo. Nesse sentido, seu discurso se aproxima da fala de governantes totalitários. Segundo Arendt (1958):

Na prática, o governante totalitário age como alguém que persistentemente insulta outra pessoa até que todo o mundo saiba que ela é sua inimiga, a fim de que possa — com certa plausibilidade — matá-la em autodefesa. É, sem dúvida, um método meio grosseiro, mas funciona, como o sabe quem quer que tenha visto como certos carreiristas bem sucedidos eliminam os concorrentes. (ARENDR, 2012, p. 474).

Sendo assim, ao se dedicar a um discurso predominante antipetista, o pastor fala em nome de uma tendência ideológica totalitária, que procura eleger uma espécie de inimigo comum e convencer a sociedade de que esse inimigo precisa ser neutralizado.

A encenação argumentativa

A encenação argumentativa consiste em utilizar procedimentos que têm por função validar a argumentação. Esses procedimentos se baseiam ora no valor dos argumentos (procedimentos semânticos), ora na produção de efeitos de discurso (procedimentos discursivos). Outros procedimentos dizem respeito à forma como os elementos do processo argumentativo são repartidos, distribuídos e hierarquizados (procedimentos de composição). Associados a esses recursos, identificam-se os chamados procedimentos da lógica argumentativa, que comportam modos de

raciocínio que permitem organizar a lógica argumentativa em relação a uma razão demonstrativa. Vejamos como se comporta a fala do pastor quanto a esses procedimentos, iniciando pelos de composição.

Procedimentos de composição

Os procedimentos de composição, como antecipamos acima, dizem respeito à articulação e disposição dos argumentos no discurso. No discurso analisado, são nítidas as três etapas do discurso argumentativo, identificadas por Charaudeau (2008): começo, transição e fim. O início compõe-se de uma introdução (*exordium*, para a retórica tradicional), onde se apresenta ao interlocutor o propósito do discurso, ou seja, o objeto de que o discurso trata. Considera-se que esse é um momento essencial para a captação do público, devendo o locutor, nessa fase, destacar a relevância ou interesse do tema para o ouvinte. É justamente isso que faz Malafaia ao introduzir a sua fala, quando, por meio da modalidade alocutiva apela diretamente ao seu ouvinte:

- (4) Povo abençoado do Brasil, analise o que eu vou falar e tire as suas conclusões. Por que você não deve votar em Haddad.”

O locutor nesse momento, por meio da expressão “povo abençoado do Brasil”, remete a fala a um contrato religioso, resgatando sua identidade social de pastor e reforçando uma imagem de santidade que a ela possa estar relacionada. Ao retomar sua legitimidade, reforça sua autoridade diante do internauta evangélico. Coloca-se também como um detentor da verdade, capaz de elucidar a temática em questão, permitindo que o ouvinte tenha condição de extrair suas próprias conclusões.

Na etapa de transição, haverá a construção de argumentos para levar o ouvinte à conclusão visada. Nessa etapa, o enunciador aponta algumas diretrizes, sinalizando as partes das quais se compõe sua fala (a chamada *divisio*, da retórica). Isso dará um formato mais didático à sua exposição, ajudando o ouvinte a acompanhar melhor seu raciocínio. Malafaia faz questão de sinalizar os passos que vai seguir, através de algumas expressões de valor metadiscursivo, como se vê nos exemplos:

- (5) a. Eu tenho que começar com Lula, pra você entender a brincadeira. Lula não é preso político.
b. Agora quem é Haddad? Minha gente, Haddad não conseguiu se reeleger prefeito de tão ruim que foi.
c. Deixa eu te lembrar: Haddad, quando ministro da educação, tentou colocar o kit gay, (...)

As expressões destacadas introduzem descrições narrativas, que relatam, de forma sintética, crenças - apresentadas como fatos verdadeiros - que o locutor considera relevantes para fundamentar a tese defendida, funcionando como premissas para sua argumentação. Chamam a atenção as expressões usadas para destacar os chamados “tempos fortes”, nos termos de Charaudeau (2008, p. 246). As expressões “Eu tenho que começar com Lula” e “Deixa eu te lembrar” servem para destacar momentos diferenciados no desenvolvimento argumentativo,

estabelecendo uma hierarquia entre os argumentos e despertando a atenção do interlocutor para os dados introduzidos por essas expressões. Aqui se trata de fatos envolvendo o ex-presidente Lula e o candidato Haddad, fatos esses descritos a partir de um ponto de vista que se harmoniza com a visão política da direita conservadora, e que visam desqualificar a atuação política de ambos e questionar seu comportamento ético e sua competência, assim como do partido ao qual se vinculam.

Por fim, na conclusão do aconselhamento, Malafaia restaura o domínio religioso, ao qual se encontra vinculado pela sua identidade social de pastor, encerrando a fala com uma bênção, antecedida por uma súplica a Deus:

- (6) Deus tenha misericórdia do Brasil e abra teus olhos. Deus abençoe o Brasil. Deus abençoe você, Deus abençoe sua família.

Procedimentos semânticos

Os procedimentos semânticos consistem no uso de argumentos fundamentados num consenso social, relacionados a determinados domínios de avaliação. A fala do pastor comporta valores relacionados aos domínios do verídico, do ético e do pragmático.

O domínio do verídico define os dados de maneira absoluta, em termos de verdadeiro e falso. Na fala do pastor, constata-se esse domínio nas assertivas no formato delocutivo, em que o pastor acusa o ex-presidente Lula de comandar, da cadeia, o PT e, ainda, responsabiliza o PT pelos problemas do país.

- (7) a. Lula não é preso político. Tá preso por corrupção. Ok? Tá na cadeia. E da cadeia comanda o PT. Ok?
b. O desemprego que tá aí de 14 milhões: PT. A economia arrebentada: PT. Tudo que tá aí: PT.

Ocorre também o domínio do ético, uma vez que, a partir de parâmetros estabelecidos pelo pastor e pelo grupo religioso e político que ele representa, julga fatos e comportamentos como certos ou errados. Esse julgamento pode ser exemplificado na passagem em que o pastor se refere ao chamado “kit gay”, que teria sido distribuído nas escolas pelo então Ministro Fernando Haddad.

- (8) Haddad, quando ministro da educação, tentou colocar o kit gay, aquelas cartilhas desgraçadas para erotizar criança [...]

Finalmente, o pastor explora o domínio do pragmático, uma vez que utiliza valores pautados em normas de comportamento. No discurso do pastor, vemos a norma como argumento de prudência ou de conservadorismo, quando ele se refere à possibilidade de um governo de esquerda implantar no Brasil um regime como o de Cuba e da Venezuela:

- (9) Você quer que o Brasil vire uma Venezuela? Você quer que o Brasil vire uma Cuba? Então vote em Haddad. Essa é que é a verdade.

O pastor procura provocar ou reacender no interlocutor um sentimento de temor quanto à possibilidade de o PT implantar no Brasil o regime comunista, partindo do princípio de que esse regime é prejudicial à população.

Procedimentos discursivos

Os procedimentos discursivos referem-se ao uso de categorias da língua ou dos outros modos de organização do discurso (enunciativo, descritivo e narrativo) para produzir efeitos de persuasão. Na fala do pastor, os principais procedimentos identificados foram: a definição, a identificação, a descrição narrativa e o questionamento. Vejamos como eles se manifestam no discurso analisado.

Definição

A definição é uma atividade ligada ao modo de organização descritivo, que consiste em descrever os traços semânticos que caracterizam uma palavra. Contudo, numa argumentação, a definição é usada estrategicamente, uma vez que ela pode tomar apenas a aparência de uma definição, sendo, de fato, uma opinião do locutor ou do grupo que ele representa. Serve para produzir sobre o interlocutor um efeito de evidência e de saber, como em:

- (10) Haddad, quando ministro da educação, tentou colocar o **kit gay**, aquelas cartilhas desgraçadas para erotizar criança, e se não houvesse pressão do parlamento no governo tinha sido aprovado.

No discurso de Malafaia, vemos uma “definição” de um objeto (o *kit gay*), que, naturalmente, passa por uma espécie de “filtro” das formações ideológicas às quais o pastor se vincula.

Identificação

Charaudeau também reconhece o papel discursivo das identificações atribuídas aos seres, acreditando que elas não são escolhidas arbitrariamente. Assim, consideramos relevante analisar a forma como o locutor se refere ao candidato do PT e à ex-presidente, Dilma Rousseff em:

- (11) Nós tivemos a “Dilmanta”, não é, o “poste 1” de Lula, agora nós temos o “poste 2” de Lula, que é o “Haddanta”. Isso é uma vergonha, gente. Isso é uma afronta (sic) à inteligência do povo brasileiro.

Como antecipamos acima, a formação de palavras compostas a partir da combinação dos nomes Haddad e Dilma com o radical “anta” sugere a falta de inteligência desses políticos, uma vez que é reconhecido no imaginário popular brasileiro que a palavra “anta” seja usada para se identificar pessoas com pouca inteligência, burras, estúpidas. O locutor ainda qualifica Dilma e Haddad como “postes”, expressão que no domínio público serve para identificar pessoas sem autonomia e sem iniciativa, indolentes e incapazes.



Descrição narrativa

São frequentes, ao longo do aconselhamento, pequenas narrativas que resumem a trajetória de Lula e Haddad. Essas narrativas corroboram a tese defendida pelo pastor de que o PT é o responsável pelos problemas nacionais e refutam outras narrativas que poderiam ser usadas a favor do candidato Haddad ou de Lula (por exemplo, a tese de que Lula seria um preso político):

- (12) a. Lula não é preso político. Tá preso por corrupção. Ok? Tá na cadeia. E da cadeia comanda o PT. Ok? Assim que Haddad ganhou a indicação de Lula teve que ir lá beijar na mão. Gente, Lula comandou o maior esquema de corrupção da história do Brasil. Se ele de dentro da cadeia comanda o PT, imagina ele como presidente!
- b. Agora quem é Haddad? Minha gente, Haddad não conseguiu se reeleger prefeito de tão ruim que foi. Ele não conseguiu a reeleição. Ele foi eleito prefeito de São Paulo e não conseguiu se reeleger. Foi massacrado no voto de tão ruim que é. Tem processos contra ele por corrupção.
- c. Deixa eu te lembrar: Haddad, quando ministro da educação, tentou colocar o kit gay, aquelas cartilhas desgraçadas para erotizar criança e se não houvesse pressão do parlamento no governo tinha sido aprovado.

Questionamento

O questionamento é um procedimento que consiste em colocar para o interlocutor uma pergunta que o leve a uma resposta real ou suposta. Na fala do pastor, o questionamento tem as finalidades de verificação de saber, de denegação e de escolha.

Ocorre a verificação de saber quando o pastor-questionador, assegurando sua superioridade sobre o questionado, mostra-se como detentor de um conhecimento que ele julga essencial compartilhar, como em:

- (13) Se ele de dentro da cadeia comanda o PT, imagina ele como presidente! Eu venho falando isso que a imprensa finge que não sabe, que não vê. Vc já parou pra pensar?

A visada de denegação consiste em propor um argumento que é rejeitado antecipadamente:

- (14) Como é que um cara desses vai ser presidente do Brasil?

O formato de uma pergunta, nesse caso, além de deixar implícita a rejeição do argumento, leva o interlocutor a avaliar sua posição e compartilhar a mesma crença do locutor. No exemplo em questão, são apresentadas várias informações sobre o candidato Haddad que comprometeriam o petista, levando o interlocutor a avaliar a eleição do candidato do PT como improvável.

Por fim, a visada de escolha corresponde a uma aparente alternativa que é oferecida ao interlocutor, sendo que, da sua escolha, vai depender uma determinada consequência. Verificamos esse procedimento em:

- (15) Você quer que o Brasil vire uma Venezuela? Você quer que o Brasil vire uma Cuba?

Ao questionamento acima está subentendido que votar em Haddad significa criar as condições para que o Brasil se assemelhe à Venezuela e a Cuba. Considerando a situação de produção e o público visado pelo locutor, deduz-se que o efeito visado é o de medo.

Análise do *ethos*

O que caracteriza o discurso de Malafaia é a construção de uma imagem de guia. Adotando predominantemente a modalidade delocutiva e uma posição de saber, Malafaia assume a postura do líder conselheiro, que é capaz de guiar um grupo, de orientá-lo. Trata-se da figura que Charaudeau identifica como “guia pastor” (CHARAUDEAU, 2006, p. 154), que se apresenta com os traços “de um condutor de homens que sabe se fazer seguir, do sábio que tem uma vida interior e do homem determinado que sabe aonde vai.” O diferencial do discurso em questão é que, embora se valha da construção de uma imagem de guia-pastor, que tem um componente de santidade, no aconselhamento predomina não o conteúdo religioso, mas o político.

A imagem de guia nos remete à noção de “poder pastoral”, proposta por Foucault (2004). Para esse autor, o poder pastoral foi instituído pelo cristianismo e se caracteriza pela presença de indivíduos que passaram a desempenhar, na sociedade cristã, o papel de verdadeiros condutores (“pastores”) em relação ao grupo (“ovelhas”). Possui a função de garantir o bem-estar desse grupo e promover a “salvação” individual. Essa salvação, contudo, depende da obediência, por parte do indivíduo, de uma série de leis que não coincidem, necessariamente, com as leis comuns já existentes na sociedade, impostas no âmbito jurídico. As leis do domínio religioso seriam disseminadas pelo pastor, que é também responsável por zelar pelo seu cumprimento.

Sendo assim, ao investir na construção da imagem de guia, o pastor favorece a captação do público, promovendo uma espécie de “fidelização” entre os evangélicos e a garantia de que não vão votar no candidato de esquerda. E, com todo esse empreendimento, pode vir a angariar também a aceitação por parte de uma parcela do público interpretante, que não condiz, necessariamente, com o público-alvo prioritário, e que inclui não-evangélicos ainda indecisos em relação a seu voto nas eleições presidenciais.

Considerações finais

A partir dos pressupostos da Teoria Semiolinguística, analisamos algumas estratégias argumentativas no aconselhamento de Silas Malafaia, identificando a utilização de procedimentos de natureza linguística, semântica e discursiva através dos quais o pastor, por meio de uma fala que remete a discursos totalitários, identifica o Partido dos Trabalhadores como inimigo da nação e orienta seus seguidores a não votarem no candidato à presidência desse partido. O discurso, cujo conteúdo é basicamente político, traz, contudo, uma representatividade e força, sobretudo entre os cristãos evangélicos, uma vez que o locutor possui o chamado poder pastoral, atribuído pela sua posição de pastor e reforçado pelo *ethos* de guia construído ao longo do discurso. Este trabalho nos faz, ainda, refletir, sobre o poder que o discurso religioso mantém na sociedade, poder esse que tem sido potencializado pela utilização crescente das redes sociais.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. *In: Imagens de si no discurso*. A construção do ethos. Trad. Dilson F.da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.
- AMOSSY, R. O lugar da argumentação na Análise do Discurso: abordagens e desafios contemporâneos. **Filol. linguíst. port.**, n. 9, p. 121-146, 2007.
- ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Coordenação da equipe de Tradução: Sérgio Micele. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BURITY, J. A. Religião, política e cultura. **Tempo social**. v. 20, n. 2. SP. nov. 2008. p. 83-113.
- CHARAUDEAU, P. **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette. 1992.
- CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. *In: MACHADO, I. L. e MELLO, R. (orgs.) Gêneros: reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.
- CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. *In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (orgs.) Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Coordenação da equipe de tradução Ângela M. S. Corrêa & Ida L. Machado. São Paulo: Contexto, 2008.
- FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense, 2004.
- LEMOES, C.T. **Religião, gênero e sexualidade**. O lugar da mulher na família camponesa. Goiânia: Editora da UCG, 2005.
- MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. *In: AMOSSY, R. (org.) Imagens de si no discurso*. A construção do ethos. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.
- PECHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi et al. 4ª. ed. Campinas: SP: Editora da UNICAMP, 2009 [1975].

